

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT  
**TAHEREH MAFI**



# **INIMAGINÁVEL**

LIVRO 6

SECRET  
SOCIETY



**SECRET SOCIETY**

**TRIGGER WARNINGS**

Abuso

Humilhação

Morte

Nudez forçada

Pânico/Ansiedade

Síndrome de Estocolmo

Tortura

Transfobia

Trauma

Violência

*Para a Tara Weikum, por todos estes anos*



# ELLA JULIETTE

**N**a calada da noite, ouço pássaros.

Ouço-os, vejo-os, fecho os olhos e sinto-os, as penas a bater no ar, a dobrar o vento, asas a roçarem-me os ombros quando sobem, quando pousam. Guinchos dissonantes soam e ecoam, soam e ecoam.

Quantos?

*Centenas.*

Pássaros brancos, brancos com riscas douradas, como coroas no topo das cabeças. Eles voam. Irrompem pelo céu com asas fortes e firmes, donos dos seus destinos. Costumavam dar-me esperança.

Nunca mais.

Viro a cara para a almofada e cravo os dedos nos lençóis de algodão, enquanto as memórias me invadem.

*— Gostas deles? — pergunta ela.*

*Estamos numa sala grande e ampla que cheira a terra. Há árvores por todo o lado, tão altas que quase tocam os canos e as vigas no teto aberto. Pássaros, dezenas deles, guincham ao esticarem as asas. Os seus chamamentos são altos. Um pouco assustadores. Tento não me encolher quando*

*um dos grandes pássaros brancos passa por mim. Tem uma anilha verde-néon brilhante numa perna. Todos têm.*

*Isto não faz sentido.*

*Lembro-me de que estamos dentro de casa — as paredes brancas, o chão de cimento debaixo dos meus pés — e olho para a minha mãe, confusa.*

*Nunca a tinha visto sorrir tanto. A maior parte das vezes, sorri quando o meu pai está por perto, ou quando estão os dois num canto, a sussurrar juntos, mas neste momento estamos eu, a minha mãe e um bando de pássaros, e ela está tão feliz que decido ignorar a sensação estranha que tenho no estômago. As coisas são melhores quando a minha mãe está bem-disposta.*

*— Sim — minto. — Gosto muito deles.*

*Os olhos dela brilham.*

*— Eu sabia que ias gostar. A Emmaline não gostava deles, mas tu... tu sempre te afeiçoaste um tanto demais às coisas, não é verdade, querida? Nada como a tua irmã.*

*Não sei porquê, as palavras dela saem maldosas. Não parecem más, mas soam más.*

*Franzo o sobrolho.*

*Ainda estou a tentar perceber o que se passa quando ela continua:*

*— Tive um como animal de estimação quando tinha mais ou menos a tua idade. Nessa altura, eram tão comuns que nunca nos conseguíamos livrar deles. — Ela ri-se, e observo-a enquanto olha para um pássaro em pleno voo. — Um deles vivia numa árvore perto da minha casa e dizia o meu nome sempre que eu passava. Consegues imaginar? — O sorriso dela desvanece ao fazer-me a pergunta.*

*Por fim, vira-se para me olhar.*

*— Agora, estão quase extintos. Consegues perceber porque não podia deixar que isso acontecesse.*

*— Claro — concedo, mas estou de novo a mentir. Há muito pouco que eu perceba sobre a minha mãe.*

*Ela acena com a cabeça.*

— São umas criaturas especiais. Inteligentes. Conseguem falar, dançar. E cada um usa uma coroa. — Ela volta a virar costas para contemplar os pássaros, da mesma forma que olha para tudo em que trabalha: com alegria. — A cacatua-de-crista-amarela acasala para a vida — diz ela. — Tal como eu e o teu pai.

A cacatua-de-crista-amarela.

Arrepio-me, de repente, com a sensação inesperada de uma mão quente nas costas, com uns dedos que ao de leve me percorrem a espinha.

— Amor — diz ele —, sentes-te bem?

Quando não respondo, ouço o farfalhar dos lençóis quando ele se mexe para me aconchegar junto dele, sentindo um corpo curvado em volta do meu. Ele é quente e forte e, ao deslizar uma mão pelo meu tronco, inclino a cabeça na sua direção, encontrando paz na sua presença, na segurança dos seus braços. Sinto os lábios dele na pele, um roçar no pescoço tão subtil que me dispara faíscas, quentes e frias, até aos dedos dos pés.

— Está a acontecer outra vez? — sussurra ele.

A minha mãe nasceu na Austrália.

Sei-o porque ela me contou um dia e porque agora, apesar do meu desespero de resistir a muitas das memórias que me voltam, não consigo esquecer. Contou-me certa vez que a cacatua-de-crista-amarela era nativa da Austrália. Foi introduzida na Nova Zelândia no século XIX, mas a Evie, a minha mãe, não as encontrou lá. Apaixonou-se pelas aves na sua terra natal, em criança, quando uma, segundo ela, lhe salvou a vida.

Eram estes os pássaros que outrora me assombravam os sonhos.

Estes pássaros, mantidos e criados por uma mulher louca. Sinto-me envergonhada por perceber que me agarrei desesperadamente a disparates, às impressões desfiguradas de memórias antigas mal

descartadas. Esperava mais. Sonhava com mais. Tenho a desilusão alojada na garganta, uma pedra fria que não consigo engolir.

E depois  
de novo  
*sinto-o*

Fico tensa perante a náusea que precede uma visão, o súbito murro no estômago que significa que há mais, há mais, há sempre mais.

O Aaron puxa-me mais para perto, segura-me com mais força contra o peito.

— Respira — sussurra-me. — Estou mesmo aqui, amor. Vou estar aqui.

Agarro-me a ele, fecho os olhos enquanto a minha cabeça navega. Estas memórias foram uma prenda da minha irmã, Emmaline. A irmã que acabei de descobrir, que acabei de recuperar.

E apenas porque ela lutou para me encontrar.

Apesar dos esforços incansáveis dos meus pais para varrer das nossas mentes a prova persistente das suas atrocidades, a Emmaline prevaleceu. Usou os seus poderes psicocinéticos para devolver o que me tinha sido roubado da memória. Ela deu-me este dom — este dom de recordar — para me ajudar a salvar-me. Para *a* salvar. Para deter os nossos pais.

Para consertar o mundo.

Mas agora, no rescaldo de uma fuga por um triz, este dom tornou-se uma maldição. A cada hora a minha mente renasce. Alterada. As memórias continuam a chegar.

E a minha falecida mãe recusa-se a ser silenciada.

— *Passarinho* — sussurra-me, prendendo-me um fio de cabelo solto atrás da orelha. — *Está na altura de voares para longe.*

— *Mas eu não quero ir* — digo, com a voz tremida pelo medo. — *Quero ficar aqui, contigo, com o pai e com a Emmaline. Ainda não percebo porque é que tenho de me ir embora.*

— Não tens de perceber — replica ela, num tom muito calmo.

Fico desconfortavelmente imóvel.

A minha mãe não grita. Nunca gritou. Durante toda a minha vida, nunca me levantou a mão ou a voz, nem me chamou nomes. Não como o pai do Aaron. Mas a minha mãe não precisa de gritar. Às vezes limita-se a dizer coisas, coisas como «não tens de compreender», com um aviso, uma finalidade nas palavras que sempre me assustou.

Sinto lágrimas a formarem-se e a queimarem-me o branco dos olhos, e...

— Não chores — diz ela. — Já és demasiado velha para isso.

Fungo, com força, lutando contra as lágrimas. Mas as mãos não me param de tremer.

A minha mãe levanta a cabeça e acena a alguém atrás de mim. Viro-me mesmo a tempo de ver o Paris, o Sr. Anderson, à espera com a minha mala. Não há bondade nos seus olhos. Não há qualquer calor humano. Ele abstrai-se de mim e olha para a minha mãe. Não diz olá.

Limita-se a perguntar:

— O Max já se instalou?

— Oh, ele está pronto há dias. — A minha mãe olha para o relógio, distraída. — Tu conheces o Max — acrescenta, com um ligeiro sorriso. — Sempre um perfeccionista.

— Apenas quando se trata dos teus desejos — replica o Sr. Anderson.

— Nunca vi um homem adulto tão apaixonado pela mulher.

O sorriso da minha mãe cresce. Parece prestes a dizer alguma coisa, mas interrompo-a.

— Estão a falar do pai? — pergunto, com o coração acelerado.

— O pai vai estar lá?

A minha mãe vira-se para mim, surpreendida, como se se tivesse esquecido da minha presença. Mas volta a focar-se no Sr. Anderson.

— Já agora, como está a Leila?

— Bem — responde ele.

Mas parece irritado.

— Mãe? — As lágrimas voltam a ameaçar. — Vou ficar com o pai?

Mas a minha mãe não me parece ouvir. É ao Sr. Anderson que se dirige quando diz:

— O Max vai explicar-te tudo quando chegarem e poderá responder à maioria das tuas perguntas. Se houver alguma coisa a que não consiga responder, é porque provavelmente não tem autorização para o fazer.

O Sr. Anderson parece, de súbito, irritado, mas não acrescenta nada. Tal como a minha mãe.

Não consigo suportar.

As lágrimas correm-me agora pelo rosto, o corpo a tremer tanto que fico com a respiração agitada.

— Mãe? — sussurro. — Mãe, por favor, r... responde-me...

Ela pouisa-me uma mão fria e firme no ombro que de imediato me imobiliza. Silencia. Não olha para mim. Não quer olhar.

— Tu também vais tratar disto — diz ela. — Não é, Paris?

Só então o Sr. Anderson cruza o olhar com o meu. Tão azul. Tão frio.

— Claro.

Um fluxo de calor atravessa-me. Uma raiva tão súbita que substitui, por momentos, o terror.

Odeio-o.

Odeio-o tanto que fico alterada quando olho para ele — uma onda de emoção abrupta que me enche de coragem.

Volto à minha mãe. Tento outra vez.

— Porque é que a Emmaline pode ficar? — pergunto, limpando com raiva as bochechas molhadas. — Se eu tenho de ir, não podemos pelo menos ir jun...

Interrompo-me quando a vejo.

A minha irmã, Emmaline, espreita-me por detrás da porta quase fechada. Ela não devia estar aqui. A minha mãe assim o disse.

A Emmaline devia estar na aula de natação.

Mas está aqui, a pingar o chão com o cabelo molhado e a olhar para mim, com os olhos arregalados como pratos. Está a tentar dizer alguma coisa, mas os lábios movem-se demasiado depressa para que os consiga

*seguir. E então, do nada, um relâmpago sobe-me pela espinha e ouço a voz dela, nítida e estranha...*

*Mentirosos.*

**MENTIROSOS.**

**MATA-OS A TODOS**



Abro os olhos de repente e não consigo recuperar o fôlego, o peito a arfar e o coração a martelar. O Warner abraça-me, fazendo sons tranquilizantes enquanto me reconforta com carícias no braço.

Lágrimas escorrem-me pelas faces, que limpo com as mãos trémulas.

— Odeio isto — segredo, horrorizada com o trepidar da minha voz. — Odeio isto. Odeio que isto continue a acontecer. Odeio o que me faz. *Odeio.*

O Warner Aaron encosta a bochecha no meu ombro com um suspiro, a respiração dele inflama-me a pele.

— Também odeio — diz-me ele, baixinho.

Volto-me, com cuidado, no embalo dos seus braços, e encosto a testa ao peito nu dele.

Passaram menos de dois dias desde que escapámos da Oceânia. Dois dias desde que matei a minha própria mãe. Dois dias desde que conheci o que restava da minha irmã, Emmaline. Apenas dois dias desde que a minha vida toda foi revirada mais uma vez, o que parece impossível.

Dois dias e já as coisas ardem à nossa volta.

Esta é a nossa segunda noite aqui, no Santuário, a localização do grupo rebelde liderado pela Nouria — a filha do Castle — e a esposa, Sam. Devíamos estar em segurança aqui. Devíamos conseguir respirar e reagrupar depois do inferno das últimas semanas, mas o meu corpo recusa-se a acalmar. Sinto a mente invadida, sob ataque. Pensava que a onda de novas memórias acabaria por se dissipar, mas

estas últimas vinte e quatro horas têm sido um assalto invulgarmente brutal, e pareço ser a única em dificuldades.

A Emmaline presenteou-nos a todos — todos os filhos dos comandantes supremos — com memórias roubadas pelos nossos pais. Um a um, fomos despertando para as verdades que os nossos pais tinham enterrado e, um a um, voltámos a ter uma vida normal.

Todos menos eu.

Os outros seguiram em frente desde então, reconciliaram as suas linhas temporais, deram sentido à traição. A minha mente, por outro lado, continua a vacilar. A girar. Mas nenhum dos outros perdeu tanto como eu; não têm tanto para recordar. Mesmo o Warner — Aaron — não está a passar por uma reconstituição tão completa da sua vida.

Isto começa a assustar-me.

Sinto-me como se a minha história estivesse a ser reescrita, parágrafos infundáveis riscados e revistos à pressa. Imagens antigas e novas — memórias — sobrepostas umas às outras até a tinta borrar, rompendo as cenas em algo novo, algo incompreensível. Por vezes, os meus pensamentos parecem alucinações perturbadoras, e o ataque é tão invasivo que receio estar a causar danos irreparáveis.

Porque algo está a mudar.

Cada memória nova é transmitida com uma violência emocional que me penetra e reordena a mente. Ando a sentir esta dor em lampejos — o mal-estar, a náusea, a desorientação — mas sem ter vontade de a questionar muito a fundo. Não a quero observar de demasiado perto. Na realidade, não queria acreditar nos meus próprios medos. Mas a verdade é: sou um pneu furado. Cada injeção de ar deixa-me ao mesmo tempo mais cheia e vazia.

*Estou a esquecer.*

— Ella?

O terror borbulha dentro de mim, sangra-me pelos olhos abertos. Demoro um instante a lembrar-me de que sou a Juliette Ella. A cada vez, demoro um pouco mais.

A histeria ameaça...

Abafo-a.

— Sim — respondo, forçando-me a respirar. — Sim.

O Warner Aaron fica tenso.

— Amor, o que se passa?

— Nada — minto.

Sinto o coração a bater depressa, demasiado depressa. Não sei porque minto. É um esforço inútil; ele consegue sentir tudo o que sinto. Devia simplesmente dizer-lhe. ~~Não sei porque não lhe digo.~~ Sei porque não lhe digo.

Estou à espera.

Estou à espera para perceber se isto passa, se os lapsos de memória são apenas falhas à espera de serem reparadas. Dizê-lo em voz alta torna-o demasiado real, e é demasiado cedo para expor estes pensamentos em voz alta, para ceder ao medo. Afinal de contas, só passou um dia desde que começou. Só ontem me ocorreu que algo estava verdadeiramente errado.

Ocorreu-me porque cometi um erro.

Erros.

Estávamos sentados lá fora, a olhar para as estrelas. Não me lembrava de alguma vez ter visto as estrelas assim — nítidas, claras. Era tarde, tão tarde que já não era noite, mas o início da manhã, e a vista era vertiginosa. Eu estava gelada. Um vento forte entrava por um bosque próximo e preenchia o ar com um som constante. Sentia-me cheia de bolo. O Warner cheirava a açúcar, a decadência. Sentia-me embriagada de alegria.

*Não quero esperar*, disse ele, pegando-me na mão. Apertando. *Não vamos esperar.*

Pestanejei.

*Pelo quê?*

Pelo quê?

Pelo quê?

Como podia ter-me esquecido do que acontecera apenas umas horas antes?

Como podia ter-me esquecido do momento em que ele me pedira em casamento?

Foi uma falha. Parecia uma falha. Onde antes havia uma memória, de repente ficou um vazio, uma cavidade mantida oca até ser realinhada.

Recuperei, lembrei-me. O Warner riu-se.

Eu não.

Esqueci-me do nome da filha do Castle. Esqueci-me de como aterrámos no Santuário. Esqueci-me, durante uns bons dois minutos, de como escapara da Oceânia. Mas as falhas eram temporárias; pareciam atrasos naturais. Apenas uma confusão enquanto a minha mente carregava, uma hesitação enquanto as memórias ressurgiam, alagadas e vagas. Pensei que talvez estivesse cansada. Assoberbada. Não levei a sério, até estar sentada sob as estrelas e não me lembrar de ter prometido passar o resto da minha vida com alguém.

Senti-me mortificada.

Mortificada de tal forma que pensei que pudesse acabar comigo. Mesmo agora, um calor renovado inflama-me o rosto e sinto-me aliviada por o Warner não conseguir ver no escuro.

*Aaron*, não Warner.

Aaron.

— Não consigo perceber se estás com medo ou vergonha — comenta ele, e expira suavemente. Soa quase a uma gargalhada. — Estás preocupada com o Kenji? Com os outros?

Agarro-me a esta meia-verdade com todas as forças.

— Estou — respondo. — Com o *Kenji*. O James. O Adam.

O Kenji tem estado doente na cama desde esta manhã bem cedo. Semicerro os olhos para a lua através da nossa janela e lembro-me

que já passa muito da meia-noite, o que significa que, tecnicamente, o Kenji ficou doente ontem de manhã.

Seja como for, foi aterrador para todos.

As drogas que a Nazeera lhe impingiu durante o voo internacional do Setor 45 para a Oceânia eram demasiado fortes e deixaram-no atordoado desde então. Por fim, colapsou — as gémeas Sonya e Sara observaram-no e disseram que vai ficar bem —, não sem antes sabermos que o Anderson tem andado a reunir os filhos dos comandantes supremos.

O Adam, o James, a Lena, a Valentina e o Nicolás estão todos sob a custódia do Anderson.

O *James* está sob a custódia dele.

Têm sido dias devastadores e terríveis. Têm sido semanas devastadoras e terríveis.

Meses, na verdade.

Anos.

Há dias em que, por mais que recue no tempo, não consigo encontrar os bons momentos. Nalguns dias, a felicidade ocasional que senti parece um sonho bizarro. Um erro. Hiper-real e desfocado, com cores demasiado brilhantes e sons demasiado altos.

Invenções da minha imaginação.

Ainda há poucos dias encontrei a clareza, que trouxe presentes. Há apenas poucos dias, o pior parecia ter ficado para trás, o mundo parecia cheio de potencial, sentia o corpo mais forte do que nunca e a mente mais completa, aguçada e capaz do que alguma vez a senti.

Mas agora

Mas agora

Mas agora sinto-me como se estivesse a agarrar-me aos limites esbatidos da sanidade, aquela amiga esquiva e oportunista que me parte sempre o coração.

O Aaron puxa-me para si e eu derreto-me nele, grata pelo seu calor, pela firmeza dos seus braços à minha volta. Respiro fundo,

vacilante, e solto tudo, expirando no corpo dele. Inspiro o cheiro rico e inebriante da pele, o aroma leve a gardénias que ele, de alguma forma, transporta sempre consigo. Os segundos passam num silêncio perfeito em que nos ouvimos a respirar.

Lentamente, o meu ritmo cardíaco estabiliza.

As lágrimas secam. Os medos fazem uma pausa. O terror distrai-se com uma borboleta que passa e a tristeza dorme uma sesta.

Por uns instantes, sou só eu e ele e nós e está tudo intacto, intocado pela escuridão.

Eu sabia que amava o Warner Aaron antes de tudo isto — antes de sermos capturados pelo Restabelecimento, antes de sermos dilacerados, antes de conhecermos a nossa história compartilhada — mas esse amor era novo, ingénuo, com profundezas por explorar, ainda por testar. Naquela breve e cintilante janela durante a qual senti as brechas na minha memória preenchidas por completo, as coisas entre nós mudaram. *Tudo* entre nós mudou. Mesmo agora, mesmo com o barulho na minha cabeça, sinto-o.

Aqui.

Isto.

Os meus ossos contra os dele. Este é o meu lar.

Sinto-o tenso de repente e afasto-me, preocupada. Não o consigo ver bem nesta escuridão total, mas sinto-lhe o arrepio delicado nos braços quando ele pergunta:

— Em que estás a pensar?

Arregalo os olhos, o entendimento suplanta a preocupação.

— Estava a pensar em ti.

— Em mim?

Volto a encostar-me a ele. Aceno com a cabeça no peito dele. Ele não diz nada, mas consigo ouvir-lhe o coração acelerado no silêncio e acabo por o ouvir expirar. É um som pesado e irregular, como se tivesse estado a sustentar a respiração por demasiado tempo. Gostava de poder ver-lhe o rosto. Por muito tempo que passemos juntos,

ainda me esqueço do quanto ele é capaz de me sentir as emoções, especialmente em alturas como esta, em que temos os corpos colados um ao outro.

Delicadamente, acaricio-lhe as costas com a mão.

— Estava a pensar no quanto te amo — digo.

Ele fica involuntariamente quieto, mas apenas por um instante. Depois mexe-me no cabelo, penteando-o lentamente com os dedos.

— Sentiste? — questiono.

Quando não obtenho resposta, volto a afastar-me. Pestanejo na escuridão até conseguir distinguir o brilho dos olhos dele, a sombra da boca.

— Aaron?

— Sim — replica ele, mas parece algo ofegante.

— Sim, sentiste?

— Sim — repete ele.

— Como é a sensação?

Ele suspira. Deita-se de costas. Fica tanto tempo calado que, por uns instantes, não sei se vai responder. Até que, suavemente, responde:

— É difícil de descrever. É um prazer tão próximo da dor que, por vezes, não consigo distinguir os dois.

— Isso parece ser horrível.

— Não — refuta ele. — É maravilhoso.

— Amo-te.

Ouçoo inspirar fundo. Mesmo na escuridão, vejo que cerra o maxilar — a tensão ali reunida — quando olha para o teto.

Sento-me direita, surpreendida.

A reação do Aaron é tão espontânea que não percebo como nunca reparei nela. Mas também, talvez seja nova. Talvez algo tenha mesmo mudado entre nós. Talvez nunca o tenha amado tanto. Suponho que faria sentido. Porque quando penso nisso, quando penso realmente em quanto o amo agora, depois de tudo o que...

Outra respiração funda e súbita. Depois um riso nervoso.



— *Uau* — exclamo.

Ele tapa os olhos com a mão.

— Isto é um pouco mortificante.

Agora estou a sorrir, quase a rir.

— Ei. É...

O meu corpo bloqueia.

Sinto um arrepio violento subir-me a pele e a espinha fica rígida, os ossos presos por alfinetes invisíveis, a boca congelada e aberta enquanto tento respirar.

O calor tolda-me a visão.

Não ouço nada além de estática, grandes rápidos, água branca e um vento feroz. Não sinto nada. Não penso em nada. Não sou nada.

Sou, por um momento infinitesimal...

*Livre.*

As minhas pálpebras esvoaçam abrem *fecham* abrem *fecham* abrem *fecham* sou uma asa, duas asas, uma porta oscilante, cinco pássaros

O fogo sobe dentro de mim, explode.

*Ella?*

A voz surge-me na mente com uma força imediata, nítida, como dardos no cérebro. De repente, apercebo-me da dor — dói-me o maxilar, o meu corpo continua suspenso numa posição anormal — mas ignoro-a. A voz volta a tentar:

*Juliette?*

A percepção atinge-me, como uma faca nos joelhos. Imagens da minha irmã invadem-me a mente: os ossos e a pele derretida, os dedos em forma de teia, a boca entorpecida, sem olhos. O corpo suspenso debaixo de água, o cabelo castanho longo como um enxame

de enguias. A voz estranha, desencarnada, perfura-me. Por isso respondo, sem falar:

*Emmaline?*

Sou invadida pela emoção, dedos que me cravam a carne, uma sensação que me arranha a pele. O alívio dela é palpável. Consigo saboreá-lo. Ela está aliviada, aliviada por a ter reconhecido, aliviada por me ter encontrado, aliviada aliviada aliviada aliviada...

*O que aconteceu?*, pergunto.

Um dilúvio de imagens inunda-me o cérebro até este se afundar, até eu me afundar. As memórias dela afogam-me os sentidos, enchem-me os pulmões. Engasgo-me enquanto as emoções se abatem sobre mim. Vejo o Max, o meu pai, inconsolável após o assassinato da mulher; vejo o Comandante Supremo Ibrahim, frenético e furioso, a exigir ao Anderson que reúna os restantes filhos antes que seja tarde demais; vejo a Emmaline, abandonada por instantes, aproveitando uma oportunidade...

Engasgo-me.

A Evie fez com que apenas ela ou o Max conseguissem controlar os poderes da Emmaline e, com a morte da Evie, as medidas de segurança implementadas foram de súbito enfraquecidas. A Emmaline percebeu que, após a morte da nossa mãe, haveria uma breve janela de oportunidade — uma breve janela durante a qual poderia ser capaz de recuperar o controlo da sua própria mente, antes que o Max refizesse os algoritmos.

Mas o trabalho da Evie era demasiado bom, e a reação do Max demasiado rápida. A Emmaline foi apenas parcialmente bem-sucedida.

*A morrer, diz-me ela.*

*A morrer.*

Cada centelha da emoção dela é acompanhada de uma agressão torturante. Sinto a carne dorida. A minha coluna parece líquida e estou cega, ardem-me os olhos. Sinto a Emmaline — a voz, os sentimentos, as visões dela — mais forte do que antes, porque *ela* está mais forte do que antes. O facto de ter conseguido recuperar poder suficiente para me encontrar é prova suficiente de que está, pelo menos em parte, livre, sem restrições. O Max e a Evie andaram a fazer experiências com a Emmaline de forma imprudente nos últimos meses, tentando torná-la mais forte, mesmo enquanto o corpo definhava. Isto, *isto*, é a consequência.

Estar assim tão perto dela é excruciante.

Acho que já gritei.

Já gritei?

Tudo na Emmaline é elevado a um nível febril; a sua presença é selvagem, de cortar a respiração, e trepida-me viva nos nervos. Os sons e as sensações cruzam-se nos meus olhos, atravessam-me com violência. Ouço uma aranha pelo chão de madeira. Traças cansadas arrastam as asas ao longo da parede. Um rato sobressalta-se e sossega no seu sono. Partículas de poeira desfazem-se contra uma janela, os estilhaços deslizam pelo vidro.

Os olhos dançam-me descontrolados no crânio.

Sinto o peso opressivo do meu cabelo, dos membros, da pele que me enrola como celofane, um caixão de couro. A minha língua, a minha língua é um lagarto morto pousado na boca, áspera e pesada. Os pelos finos dos meus braços eriçam-se e oscilam, eriçam-se e oscilam. Cerro os punhos de tal forma que perfuro a carne macia das palmas das mãos com as unhas.

Sinto uma mão em mim. Onde? Estou?

*Solitária*, diz ela

Ela mostra-me.

Uma visão nossa, no laboratório onde a vi pela primeira vez, onde matei a nossa mãe. Vejo-me do ponto de vista da Emmaline e é assustador. Ela não consegue ver muito mais do que um borrão, mas consegue sentir a minha presença, distinguir a forma do meu corpo, o calor que dele emana. Depois as minhas palavras, as minhas próprias palavras, são-me lançadas de volta para o cérebro...

*tem de haver outra maneira  
 não tens de morrer  
 podemos ultrapassar isto juntas  
 por favor  
 eu quero a minha irmã de volta  
 quero que vivas  
 Emmaline  
 não te vou deixar morrer aqui  
 Emmaline Emmaline  
 podemos ultrapassar isto juntas  
 podemos ultrapassar isto juntas  
 podemos ultrapassar isto  
 juntas*

Uma sensação fria e metálica começa a crescer-me no peito. Atravessa-me, sobe-me pelos braços, desce-me pela garganta, penetra-me nas entranhas. Sinto os dentes a latejar. A dor da Emmaline agarra-se e serpenteia, segura-se com uma ferocidade que não consigo suportar. A ternura dela é, também, desesperada, aterradora na sua sinceridade. Ela está tomada pela emoção, quente e fria, alimentada pela raiva e pela devastação.

Tem andado à minha procura, este tempo todo.

Nestes últimos dias, a Emmaline tem procurado a minha mente no mundo consciente, tentando encontrar um porto seguro, um lugar para descansar.

Um lugar para morrer.

*Emmaline, rogo. Por favor...*

*Irmã.*

Algo contrai na minha mente, aperta. O medo expande-se através de mim, perfura-me órgãos. Estou ofegante. Sinto o cheiro a terra e humidade, a folhas em decomposição, sinto que as estrelas me escrutinam a pele, o vento abre caminho pela escuridão como um pai ansioso. Estou de boca aberta, a caçar traças. Estou no chão.

Onde?

Não mais na minha cama, apercebo-me, não mais na minha tenda, apercebo-me, não mais protegida.

Mas quando é que andei?

Quem me mexeu os pés? Quem me empurrou o corpo?

*Quão longe?*

Tento olhar em volta, mas estou cega, tenho a cabeça presa num torno e o pescoço reduzido a tendões. A minha respiração enche-me os ouvidos, áspera e ruidosa, áspera e ruidosa, esforços ofegantes, a minha cabeça

oscila

Abro os punhos, as unhas raspam quando os dedos se abrem até esticar as palmas das mãos, sinto o cheiro do calor, o sabor do vento, ouço a terra.

A terra debaixo das mãos, na boca, debaixo das unhas. Apercebo-me de que estou a gritar. Alguém me toca e estou a gritar.

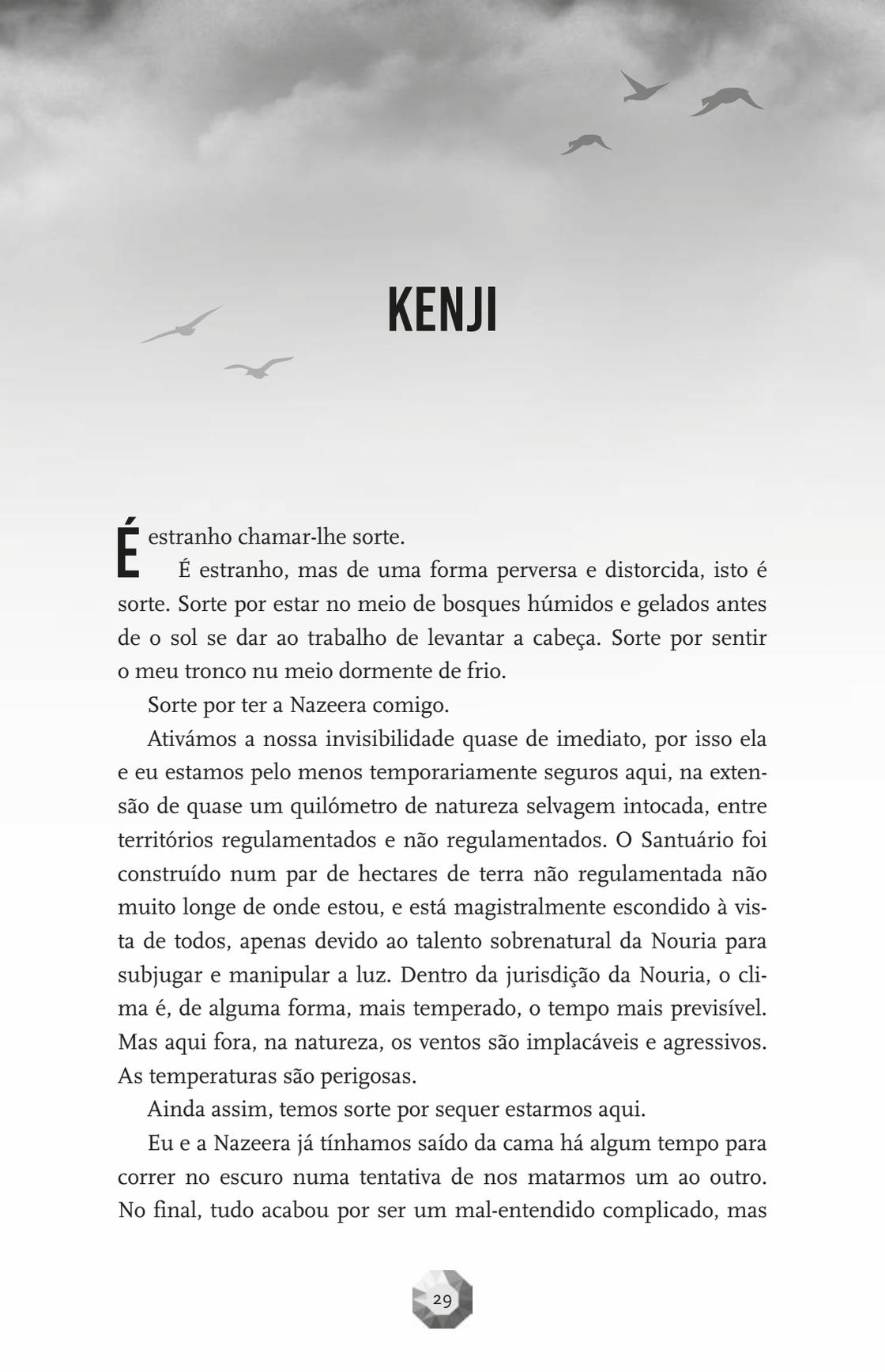
*Para, grito. Por favor, Emmaline... Por favor, não faça isto...*

*Solitária, repete ela.*

*S o l i t á r i a*

E com uma agonia súbita e feroz...

Sou deslocada.



# KENJI

**É** estranho chamar-lhe sorte.

É estranho, mas de uma forma perversa e distorcida, isto é sorte. Sorte por estar no meio de bosques húmidos e gelados antes de o sol se dar ao trabalho de levantar a cabeça. Sorte por sentir o meu tronco nu meio dormente de frio.

Sorte por ter a Nazeera comigo.

Ativámos a nossa invisibilidade quase de imediato, por isso ela e eu estamos pelo menos temporariamente seguros aqui, na extensão de quase um quilómetro de natureza selvagem intocada, entre territórios regulamentados e não regulamentados. O Santuário foi construído num par de hectares de terra não regulamentada não muito longe de onde estou, e está magistralmente escondido à vista de todos, apenas devido ao talento sobrenatural da Nouria para subjugar e manipular a luz. Dentro da jurisdição da Nouria, o clima é, de alguma forma, mais temperado, o tempo mais previsível. Mas aqui fora, na natureza, os ventos são implacáveis e agressivos. As temperaturas são perigosas.

Ainda assim, temos sorte por sequer estarmos aqui.

Eu e a Nazeera já tínhamos saído da cama há algum tempo para correr no escuro numa tentativa de nos matarmos um ao outro. No final, tudo acabou por ser um mal-entendido complicado, mas

foi também uma espécie de destino: Se a Nazeera não me tivesse entrado no quarto às três da manhã e quase matado, eu não a teria perseguido pela floresta, fora das proteções visuais e sonoras do Santuário. Se não estivéssemos estado tão longe do Santuário, nunca teríamos ouvido os gritos de terror longínquos e ecoantes dos cidadãos. Se não tivéssemos escutado esses gritos, nunca teríamos corrido na direção da fonte. E se não tivéssemos feito nada disso, eu nunca teria visto a minha melhor amiga a gritar rumo ao amanhecer.

Ter-me-ia escapado isto. Isto:

A J de joelhos na terra fria, o Warner agachado a seu lado, ambos um espelho da morte enquanto as nuvens literalmente derretem no céu acima. Os dois parados mesmo em frente à entrada do Santuário, que abrange a extensão de floresta intocada que serve de tampão entre o nosso campo e o coração do setor mais próximo, o número 241.

*Porquê?*

Congelei quando os vi ali, duas figuras destroçadas, entrelaçadas, com os membros apoiados no chão. Senti-me paralisado pela confusão, depois pelo medo, depois pela descrença, enquanto as árvores vergavam e o vento me atingia o corpo, uma cruel lembrança de que nunca cheguei a ter oportunidade de vestir uma camisola.

Se a minha noite tivesse corrido de forma diferente, talvez tivesse tido essa oportunidade.

Se a minha noite tivesse corrido de forma diferente, poderia ter desfrutado, pela primeira vez na vida, de um nascer do sol romântico e de uma reconciliação esperada com uma rapariga bonita. Eu e a Nazeera ter-nos-íamos rido de como ela me deu um pontapé nas costas e quase me matou, e de como depois quase lhe dei um tiro por isso. Depois, teria tomado um longo duche, dormido até ao meio-dia e comido o meu peso em comida de pequeno-almoço.

Tinha um plano para hoje: ir com calma.

Queria um pouco mais de tempo para sarar depois da minha mais recente experiência de quase-morte, e não pensei que estivesse

a pedir muito. Pensei que, talvez, depois de tudo o que passei, o mundo pudesse dar-me alguma folga. Deixar-me respirar entre tragédias.

Népia.

Em vez disso, estou aqui, a morrer de frio e horror, a ver o mundo desfazer-se à minha volta. O céu a oscilar loucamente entre horizontes verticais e horizontais. O ar perfurado ao acaso. As árvores que afundam no chão. As folhas a sapatear à minha volta. Estou a vê-lo — estou a testemunhá-lo ao vivo — e ainda assim não consigo acreditar.

Mas eu escolho chamar-lhe sorte.

Sorte por estar a assistir a isto, sorte por me sentir como se fosse vomitar, sorte por ter corrido este caminho todo com este meu corpo ainda doente e ferido mesmo a tempo de conseguir um lugar na primeira fila para o fim do mundo.

Sorte, destino, coincidência, serendipidade...

Chamarei a este sentimento doentio e afundado nas minhas entranhas um maldito truque de magia, se tal me ajudar a manter os olhos abertos o tempo suficiente para testemunhar. Para descobrir como ajudar.

Porque não está aqui mais ninguém.

Ninguém, exceto eu e a Nazeera, o que parece uma loucura a um nível improvável. O Santuário deveria ter segurança em patrulha a toda a hora, mas não vejo sentinelas, nem sinal de ajuda a chegar. Também não vejo soldados do setor vizinho. Nem sequer civis curiosos e histéricos. Nada.

É como se estivéssemos num vácuo, num plano invisível de existência. Não sei como é que a J e o Warner chegaram tão longe sem serem vistos. Os dois parecem ter sido literalmente arrastados pela terra; não faço ideia como não foram notados. E apesar de ser possível que a J tenha acabado de começar a gritar, ainda tenho mil perguntas sem resposta.

Terão de esperar.

Olho para a Nazeera por hábito, esquecendo por um momento que estamos invisíveis. Mas depois sinto-a aproximar-se, e suspiro de alívio quando encaixa a mão na minha. Aperta-me os dedos. Eu retribuo o gesto.

*Sorte*, lembro-me a mim mesmo.

É uma sorte estarmos aqui agora, porque se eu estivesse na cama onde devia estar, nem sequer saberia que a J estava em apuros. Teria perdido o tremor na voz da minha amiga enquanto grita e implora por misericórdia. Teria perdido as cores estilhaçadas de um nascer do sol distorcido, um pavão no meio do inferno. Teria perdido a forma como a J aperta a cabeça entre as mãos e soluça. Teria perdido os aromas fortes a pinho e enxofre no vento, a dor seca na minha garganta, o tremor que me percorre o corpo. Teria perdido o momento em que a J menciona a irmã pelo nome. Não teria ouvido a J pedir *especificamente* à irmã para não fazer algo.

Sim, isto é sem dúvida sorte.

Porque se eu não tivesse ouvido nada disto, não saberia quem culpar.

*Emmaline.*



# ELLA JULIETTE

**T**enho olhos, dois, sinto-os, a rodar para trás e para a frente, às voltas e voltas no meu crânio tenho lábios, dois, sinto-os, húmidos e grossos, abro-os tenho dentes, muitos, língua, uma e dedos, dez, conto-os

umdoistrêsquatrocinco, de novo no outro lado estranho, esstranho ter uma língua, esstranho é um tipo de ccoisa esstranha, uma coisaaesssssstranha

*solidão*

aproxima-se de nós sorrateiramente  
em silêncio

e  
imóvel,

senta-se ao nosso lado no escuro, acaricia-nos o cabelo enquanto dormimos envolve-nos os ossos e aperta-nos detalformaquequase nãoconseguimos respirar quase não conseguimos ouvir a pulsação do nosso sangue que corre, que nos sobe pela

pele

encosta os lábios aos pelos delicados da parte de trás do nosso

pescoço

a solidão é uma coisa estranha uma coisa estranha uma velha  
amiga ao nosso lado no espelho a gritar que não somos suficiente-  
nunca suficiente nunca o suficiente

pppppor vezes simplesmente

não

desiste

**JULIETTE FERRARS.  
ELLA SOMMERS.**

**QUAL É A VERDADE  
E QUAL É A MENTIRA?**

Agora que Ella sabe quem é Juliette e para que foi criada, as coisas ficaram ainda mais complicadas. Enquanto se esforça para entender o passado que a assombra e receia um futuro mais incerto do que nunca, as linhas entre o certo e o errado — entre Ella e Juliette — confundem-se cada vez mais.

Com velhos inimigos a aproximarem-se,  
o destino pode não estar nas suas mãos.

O dia do ajuste de contas com o Restabelecimento está a chegar.  
Mas será que ela vai poder escolher em que lado lutar?



O final explosivo da série *Shatter Me*  
que conquistou milhares de leitores  
em todo o mundo.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)  
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)  
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-813-4



9 789895 838134

